



Site do autor: [livrosqueardem.com](http://livrosqueardem.com)

## O Dia Do Fogo

### PRÓLOGO — O SOM DO CÉU QUE CAIU

Tel Aviv, sábado, 7 de outubro de 2023.

6h27 da manhã.

O sol subia pálido sobre o Mediterrâneo, filtrando-se pelas persianas de alumínio da casa dos Levy, na rua Balfour. O rádio murmurava uma canção antiga de Arik Einstein; o café exalava o cheiro doce e confortável de todos os sábados. Eitan Levy, coronel da reserva, girava a colher na chavena quando o som cortou o ar — primeiro um estalo distante, depois uma vibração metálica que fez o vidro da janela estremecer.

Sua esposa perguntou se era um trovão.

Mas não havia nuvens.

Eitan ergueu os olhos para o relógio digital — 6h29 — e o som do primeiro míssil varreu o céu, desenhando um traço incandescente sobre o azul. Em segundos, as sirenes começaram a uivar.

O café caiu da mesa.

A rotina morreu ali.

---

Em Beit Lahia, norte da Faixa de Gaza, o mesmo sol atravessava o fumo das oficinas subterrâneas. Malik al-Hassan, 24 anos, vestia uma faixa verde e verificava o encaixe da pistola. Ao seu redor, homens rezavam. Nenhum deles olhava o outro nos olhos — não por medo, mas porque cada um carregava dentro de si um pedaço do inferno que estava prestes a abrir.

Um comandante passou distribuindo pequenos rádios portáteis. “Quando ouvirem a voz de Al-Qassam, avancem. Hoje, o céu será nosso.”

Malik olhou para o horizonte. Via apenas poeira.

Por um instante, pensou em sua irmã pequena, Lina, ainda dormindo no quarto de concreto.

E então, como se um sinal divino tivesse atravessado o ar, o rugido dos foguetes começou.

O chão tremeu.

---

Eitan desceu as escadas correndo. O telefone vibrava com alertas sucessivos. “Ataque massivo em andamento. Refugiem-se. Cúpula de Ferro acionada.”

No corredor, o som das explosões já se tornava contínuo.

Do outro lado da fronteira, milhares de foguetes riscaram o céu ao mesmo tempo — um espetáculo de luz e terror que parecia uma coreografia do apocalipse.

As defesas israelitas interceptavam parte deles, mas não todos.

Nos subúrbios de Sderot, casas explodiam como caixas de fósforos.

Em Re'im, jovens acampados para o festival de música filmavam o céu, ainda sem entender o que viam.

---

Malik ouviu no rádio: “Agora.”

Os motores das caminhonetes rugiram. Os primeiros milicianos avançaram em direção à cerca. Ele agarrou o parapente dobrado no chão e correu.

O vento do deserto o ergueu — e por um momento, entre o pó e o fogo, ele sentiu algo parecido com liberdade.

Lá embaixo, via-se a fronteira como uma cicatriz prateada, e do outro lado, as casas brancas de Israel.

Por um instante, o menino que ele fora — o que colecionava conchas na praia e sonhava em ser engenheiro — quis voltar.

Mas já era tarde.

---

Às 6h43, o radar israelita registrou o impossível:

Mais de quatro mil foguetes simultâneos.

Milhares de alvos em movimento.

Incursões terrestres, aéreas, marítimas.

O coronel Eitan compreendeu — com a frieza que só o horror produz — que aquilo não era uma escaramuça.

Era uma invasão.

Ele gritou para a esposa e os filhos se esconderem no abrigo.

A última imagem que teve, antes da porta de aço se fechar, foi a cortina da sala tremendo com a pressão das explosões e o sol refletindo nas janelas como se o céu inteiro tivesse se partido em mil fragmentos de fogo.

---

Em Gaza, Malik tocou o solo israelita pela primeira vez.

A poeira do deserto misturava-se ao cheiro de pólvora.

À sua frente, uma estrada, um kibutz, uma bandeira azul e branca tremulando sobre um portão.

O rádio crepitou: “Avancem.”

Ele respirou fundo, ergueu o fuzil e deu o primeiro passo.

No instante seguinte, o mundo explodiu.

---

Ao meio-dia, os noticiários internacionais transmitiam as imagens em tempo real: foguetes, fumaça, corpos, gritos, sirenes.

Ninguém sabia o que estava acontecendo — apenas que algo tinha se rompido, para sempre.

Do alto, os drones filmavam cidades em chamas.

Do chão, crianças corriam sem entender o motivo da correria.

E, no meio desse caos, Malik e Eitan — dois homens que jamais se encontrariam — tornaram-se peças opostas do mesmo tabuleiro de tragédias.

Quando o sol se pôs naquele sábado, 7 de outubro de 2023, Israel já contabilizava mais de mil mortos.

E Gaza, embora festejasse o “feito histórico”, já sentia o eco da retaliação que viria.

O som do céu que caiu naquela manhã ainda reverberava nos ossos da terra — como se Deus, cansado dos homens, tivesse decidido fechar os olhos.

## **CAPÍTULO I — O TÚNEL E O MAPA**

Gaza, 3h12 da madrugada.

Sob um bairro reduzido a escombros desde o último bombardeio, trinta metros abaixo do solo, o ar era espesso e úmido. O túnel se estendia como uma veia interminável, serpenteando por quilômetros sob as ruínas. Cabos elétricos improvisados pendiam das paredes; ventiladores gemiam tentando empurrar o ar rarefeito.

Malik segurava uma lanterna enquanto dois homens arrastavam uma bobina de aço. O engenheiro, um homem magro com olhos fundos, riscou o chão com um bastão de ferro, apontando:

— Aqui é o ponto de encontro. Daqui, o túnel segue para o norte, em direção a Zikim. A parede da fronteira está a duzentos metros.

Ele falava com calma, como quem descreve um desenho. Malik assentiu, sem responder. O plano parecia absurdo — atravessar uma das fronteiras mais vigiadas do planeta —, mas ali, no silêncio e na poeira, o absurdo era rotina.

Do rádio portátil, ecoava a voz do comandante:

— Que Allah guie cada golpe da vossa pá. A guerra começa com o silêncio dos que cavam.

Malik olhou para cima. O teto gotejava.

Pensei que Deus não descia a esses lugares, pensou ele. Que Deus não respirava entre ratos e cimento.

Mas continuou cavando.

---

Tel Aviv, 8h00 da manhã.

Na sede da Unidade 8200 — o cérebro eletrônico da inteligência israelense — Yael Ben-David observava uma série de linhas coloridas no ecrã. Eram fragmentos de comunicações interceptadas de Gaza. Palavras desconexas: “túnel”, “casamento”, “cesta de tâmaras”.

Ela franziu o cenho.

As mensagens eram cifradas em linguagem comum.

— Já tentaram cruzar com satélites? — perguntou.

— Tentamos. Nenhum movimento fora do normal — respondeu o analista ao lado.

Yael sabia que algo não se encaixava. Havia um ritmo estranho, como se alguém estivesse testando o sistema, medindo o tempo de resposta.

Mas o major, de farda engomada, descartou a hipótese.

— Gaza está exaurida. Não têm força para uma ofensiva. É poeira e discurso.

Yael calou-se.

Fez uma anotação no caderno: “O silêncio também fala.”

---

Naquela mesma noite, Malik e o engenheiro alcançaram o ponto final do túnel.

Um muro de concreto armado os separava de Israel.

O engenheiro limpou o suor, ligou uma pequena lanterna de calor e passou os dedos sobre o cimento.

— Aqui — disse. — Atrás dessa parede começa o deserto.

E, com um gesto, entregou a Malik um mapa plastificado. Linhas vermelhas marcavam rotas, depósitos de combustível, caminhos de fuga.

No canto inferior, em letras minúsculas: Operação Al-Aqsa Tempestade.

Malik dobrou o mapa.

Perguntou:

— E se falharmos?

O engenheiro sorriu — um sorriso seco, de quem já perdeu tudo.

— Então, o mundo continuará o mesmo.

---

Jerusalém, 22h47.

O primeiro-ministro recebia um relatório da inteligência.

Os assessores comentavam sobre protestos internos, divisões no exército, e o Hamas “sem capacidade real de ameaça”.

O documento terminava com uma frase otimista:

“O inimigo encontra-se dissuadido e isolado.”

Eitan Levy, agora reformado, assistia pela televisão o noticiário. Nada parecia fora do normal.

Na tela, imagens de foguetes interceptados — de semanas anteriores — seguidas por entrevistas sobre segurança e prosperidade.

Ele pensou nos anos em que patrulhou a fronteira.

— O erro — murmurou para a esposa — é acreditar que o inimigo dorme.

---

Gaza, dois dias depois.

O túnel estava concluído.

Do lado de fora, os bombardeiros israelitas haviam cessado, e os céus de Gaza, por uma ironia quase poética, pareciam tranquilos.

Malik subiu à superfície.

Do telhado de uma escola destruída, olhou a cidade: blocos de concreto, antenas partidas, o cheiro constante de pólvora.

Um grupo de crianças jogava futebol entre os escombros. Uma delas, Lina, sua irmã, chutava a bola com força.

Ele sorriu.

— Um dia, jogaremos do outro lado — disse a ela.

Ela riu.

— Do lado das árvores?

O “lado das árvores” — assim chamavam Israel.

Para as crianças de Gaza, Israel era um mito: o lugar onde a relva existia de verdade.

---

Em Tel Aviv, Yael tentava decifrar o padrão das mensagens interceptadas.

A cada madrugada, uma série de transmissões curtas era captada, todas no mesmo intervalo: entre 3h e 4h.

Ela ampliou a frequência, e uma frase isolada surgiu, repetida em árabe, quase sussurrada:

“Quando o céu mudar de cor, avancem.”

Ela levou o relatório ao superior.

— Parece poesia, não informação — respondeu ele. — Eles falam em metáforas.

Mas Yael sabia que poesia, em tempos de guerra, é código.

---

Na manhã seguinte, em Rafah, Malik recebeu ordens diretas de um comandante mascarado.

— Em breve, o mundo verá que Gaza não se ajoelha.

Ele olhou o mapa, os túneis, as rotas. Tudo estava pronto.

Perguntou:

— E os civis?

O homem respondeu:

— Todo mártir abre caminho para o paraíso.

Malik baixou os olhos.

O rádio ao fundo tocava uma canção infantil.

E naquele contraste absurdo — o som de uma guerra prestes a nascer e uma voz de criança cantando — o destino do Oriente Médio já estava selado.

---

Em Jerusalém, na madrugada de 6 de outubro, Yael olhou mais uma vez o ecrã.

As comunicações haviam cessado.

O silêncio total.

Ela sentiu um frio percorrer-lhe a espinha.

Sabia que o silêncio, naquela região, não significava paz.

Significava espera.

---

E assim, sob a superfície da terra e sob a superfície da política, duas forças contrárias — uma cavando, outra negando — moviam-se lentamente uma em direção à outra.

Ninguém sabia, mas o relógio da história marcava as últimas vinte e quatro horas antes do colapso.

## **CAPÍTULO II — O ENGANO**

Tel Aviv, 6 de outubro de 2023.

O mar estava calmo.

No calçadão, corredores matinais cruzavam famílias empurrando carrinhos de bebê, vendedores de café e turistas tirando fotos diante da areia dourada.

Os jornais falavam de política interna, de reformas judiciais, de economia. Nenhuma manchete sobre Gaza.

Nenhuma sirene. Nenhum pressentimento.

Eitan Levy caminhava com a filha adolescente. O vento soprava morno, e ele lhe contava histórias de quando servira na fronteira: “No deserto, o tempo não passa — ele espera.”

Ela riu, distraída com as gaivotas.

O celular vibrou: uma notificação de segurança — “atividade incomum em Gaza” —, mas logo apagou-se.

Um sistema automático cancelara o alerta.

Falso positivo.

---

Em Gaza, nesse mesmo instante, o tempo não esperava — fervia.

Malik estava reunido com outros combatentes num porão sem janelas.

O comandante, um homem de voz rouca, falava com convicção profética:

— Amanhã, o sol nascerá sobre uma terra liberta.

No chão, mapas, drones desmontados, rádios, munições.

Havia cheiro de óleo, suor e tensão.

Malik observava o rosto dos companheiros: alguns excitados, outros em transe, outros apenas cansados.

Um deles, Yusef, de vinte anos, abraçava um colete explosivo como quem abraça um talismã.

— Seremos lembrados — dizia. — Nem os filhos dos filhos deles esquecerão.

Malik não respondeu.

Não queria ser lembrado — queria estar vivo.

Mas no fundo, sabia: o caminho de volta já não existia.

---

Tel Aviv, 11h40.

Na base de inteligência, Yael Ben-David tentava ser ouvida.

— Há um padrão — insistia ela diante do supervisor. — Silêncio absoluto nas transmissões, seguido por aumento de ruído nos radares de superfície. Eles estão escondendo algo.

O oficial mais velho, de gravata desalinhada, recostou-se na cadeira.

— É o Ramadã. Há sempre silêncio nessa época. Eles rezam.

Yael inspirou fundo.

— Então reza comigo — disse, amarga. — Para que eu esteja errada.

Mas quando saiu da sala, uma certeza fria lhe atravessou o peito: o inimigo estava prestes a mover-se.

E ninguém queria ouvir.

---

No deserto de Negev, o festival de música em Re'im montava o palco principal.

Centenas de jovens acampavam sob bandeiras coloridas, dançando ao som eletrônico que reverberava pelo ar quente.

Entre eles, um estudante israelense de 22 anos, Nir Ben-Ami, filmava com o celular: “Liberdade, sol e paz — o melhor sábado do ano.”

Atrás dele, a fronteira cintilava sob o calor.

A distância entre a euforia e o abismo era de apenas dezessete quilômetros.

---

Em Gaza, o sol também se punha.

Nos becos estreitos, as mesquitas chamavam para a última oração.

Malik voltou para casa.

Sua irmã Lina dormia sobre um colchão rasgado, abraçada a um urso de pelúcia.

A mãe, de rosto cansado, penteava o cabelo diante de um espelho quebrado.

— Amanhã é sábado — disse ela. — O mercado deve abrir cedo. Compra pão antes da oração.

Ele assentiu, sem coragem de responder.

Sabia que, no dia seguinte, não haveria mercado, nem pão, nem oração.

Amanhã o mundo se partiria.

---

Jerusalém, noite.

O primeiro-ministro encontrava-se com o gabinete de segurança.

A pauta: protestos internos, divisões nas forças armadas, pressão dos aliados americanos.

Um assessor comentou algo sobre Gaza.

O ministro da Defesa riu.

— Gaza? Eles não respiram sem que saibamos.

O general-chefe respondeu:

— As câmeras térmicas estão todas operacionais. Se houver um movimento, detectaremos.

Todos assentiram.

Do lado de fora, o vento passava pelas muralhas antigas.

Jerusalém dormia sobre camadas de histórias — e sobre o mesmo engano de sempre: o de acreditar que a próxima guerra ainda está distante.

---

Em um abrigo subterrâneo, o comandante de Malik falava com voz quase cerimonial:

— A Cúpula de Ferro é uma máquina. E toda máquina, cedo ou tarde, falha.

Ele apontou para um relógio na parede.

— Quando o ponteiro cruzar o seis, o mundo mudará de nome.

Malik fechou os olhos.

Ouviu as rezas ao longe.

O ar cheirava a combustível.

Uma criança chorava no andar de cima — Lina, talvez.

Pensou nela, pensou em si, pensou em nada.

O coração batia devagar.

---

Tel Aviv, 23h45.

Yael estava em casa.

A cidade era uma miragem de luzes refletidas no mar.

Ela abriu o computador pela última vez e reviu os relatórios ignorados.

Códigos, coordenadas, anomalias.

O cursor piscava na tela como um batimento cardíaco.

De repente, um aviso novo apareceu:

“Atividade incomum na faixa costeira norte de Gaza.”

Ela levantou-se, pegou o telefone, discou para o comando.

Ninguém atendeu.

Todos dormiam.

---

Em Gaza, meia-noite.

Malik e o grupo já estavam prontos.

Os rádios foram desligados.

Apenas o som do mar.

O comandante ergueu a mão e falou:

— Que Allah cubra nossos passos.

E o silêncio, pela primeira vez, pareceu absoluto.

Nem cães, nem motores, nem bombas.

Só o som distante das ondas.

---

No céu, os drones israelenses voavam como estrelas mecânicas.

Mas não viam nada.

Os túneis eram profundos demais.

Os sinais de rádio, quietos demais.

A tecnologia dormia.

A guerra, desperta.

---

Na madrugada seguinte, às 6h27, o céu de Israel mudaria de cor.

Mas agora, às 2h14, o mundo ainda acreditava em paz.

E essa fé, essa doce e arrogante fé, seria o primeiro alvo do ataque.

### **CAPÍTULO III — AS ÚLTIMAS HORAS**

Gaza, 7 de outubro de 2023.

4h03 da madrugada.

O vento soprava do mar, quente e salgado.

Malik estava de pé sobre o terraço da casa.

Lá embaixo, o bairro dormia — um silêncio de guerra, desses que carregam no ar o cheiro de gasolina e medo.

Do outro lado da rua, os alto-falantes da mesquita recitavam um versículo do Alcorão: “E quando o sol nascer, a verdade será conhecida.”

Ele olhou o relógio.

Duas horas.

Talvez as últimas em que Gaza ainda seria Gaza — e não um amontoado de ruínas.

Sua irmã Lina acordou.

Veio até ele, esfregando os olhos.

— Ainda não dormiu, Malik?

— Não consegui — respondeu.

Ela olhou o céu.

— Está diferente.

Ele assentiu.

— Sim. O céu muda quando vai chover.

Mentiu.

Abraçou-a com força.

Sabia que talvez fosse a última vez.

E, por um instante, o tempo parou: um homem, uma criança, um céu imóvel — e o rumor de uma tragédia prestes a nascer.

---

Tel Aviv, 4h07.

Yael Ben-David acordou com um barulho insistente: notificações no celular.

Mensagens automáticas da estação de vigilância do sul.

“Interferência nos radares de fronteira.”

Ela levantou-se, foi até a cozinha, abriu o laptop.

O monitor exibia uma sequência de linhas trêmulas — como se algo bloqueasse os sinais.

Ela discou para o major responsável.

— Aqui é a agente Ben-David. Os sensores da Faixa de Gaza estão em silêncio total. Nenhum ruído eletrônico há mais de duas horas.

— E daí? — respondeu uma voz sonolenta. — Talvez estejam com falha elétrica.

— Todos os sensores ao mesmo tempo?

O silêncio do outro lado foi a resposta.

Yael suspirou.

Fechou os olhos e disse para si mesma:

— É agora.

Mas quando procurou quem a escutasse, era tarde.

A guerra já começara — apenas não havia som.

---

Kibutz Be'eri, 5h00.

Eitan Levy dormia com a janela aberta.

O vento trazia o cheiro do campo e o murmúrio distante do deserto.

A esposa virou-se na cama e murmurou algo sobre o café da manhã.

Nada parecia fora do lugar.

Ele abriu os olhos e pensou: “Mais um sábado tranquilo.”

O noticiário da véspera ainda lhe soava na cabeça — discursos, promessas, política.

O mundo civilizado gira sobre pequenas distrações.

Ninguém ouve o estalo antes da ruptura.

---

Gaza, 5h14.

O subsolo vibrava.

Os homens reunidos no túnel ouviam as últimas instruções.

O comandante falava baixo, mas cada palavra tinha o peso de um juramento:

— Hoje não somos soldados. Somos mensagens. O mundo ouvirá.

Malik ajustou o colete, verificou a arma, e colocou o rádio no bolso.

A luz fraca tremia.

Ele pensou no mar — queria vê-lo mais uma vez.

Mas a escotilha se abriu, e o vento da superfície invadiu o túnel como um sopro antigo, um chamado de morte.

---

Tel Aviv, 5h27.

Yael, agora de uniforme, chegava à base.

O céu começava a clarear.

Os radares estavam cegos, os operadores confusos.

Ela ordenou:

— Acionem o protocolo vermelho.

Ninguém reagiu.

Um deles, jovem demais para entender a gravidade, riu nervoso:

— Senhora, não há mísseis no radar.

— Exato — respondeu ela. — É isso que me apavora.

---

Gaza, 5h55.

As ordens foram dadas.

Grupos de milicianos posicionaram-se em túneis, caminhonetes e lançadores improvisados.

Nas praias, motores de barcos se aqueceram.

No armazém principal, caixas de foguetes aguardavam a contagem final.

O comandante consultou o relógio.

— Em trinta minutos, o sol nascerá sobre a terra dos infiéis.

A voz do rádio respondeu:

— Que Allah esteja conosco.

Malik fechou os olhos.

Pensou em Lina, dormindo.

Pensou no que restaria dela.

E, sem perceber, uma lágrima deslizou-lhe pelo rosto — a primeira desde o enterro do pai.

---

Kibutz Re'im, 6h10.

O festival começava.

O DJ ajustava o volume.

Centenas de jovens dançavam, abraçados, rindo.

Cores, luzes, poeira.

Um drone filmava a multidão — imagens que, horas depois, correriam o mundo.

O sol subia.

No horizonte, algo faiscou.

Mas ninguém percebeu.

---

Tel Aviv, 6h25.

Yael fixou o olhar no ecrã.

Um ponto vermelho surgiu no radar. Depois outro. Depois centenas.

Ela gritou:

— Lançamento múltiplo detectado!

O som das sirenes começou, primeiro longínquo, depois ensurdecador.

O prédio tremeu.

Do outro lado da linha, a voz de comando finalmente respondeu:

— Quantos?

Ela olhou o monitor, pálida.

— Todos.

---

Gaza, 6h27.

Malik sentiu o solo estremecer sob seus pés.

Um rugido metálico percorreu o ar.

Os foguetes foram disparados em ondas, milhares de traços de fogo ascendendo ao céu.

O barulho era tão intenso que abafava os gritos, as rezas, os motores.

Ele olhou para cima e pensou que o céu estava ardendo.

A guerra, afinal, não começara — despencara.

---

Kibutz Be'eri, 6h29.

Eitan acordou com o som da primeira explosão.

A janela vibrou.

O vidro estilhaçou-se.

Correu até a esposa e gritou:

— Abrigo, agora!

Do lado de fora, o horizonte era uma cortina de fumaça.

As sirenes cortavam o ar como lâminas.

O telefone não parava de vibrar: “Ataque massivo — busque abrigo imediatamente.”

Ele empurrou a família para o porão.

A porta de aço fechou-se.

E então, o silêncio de novo.

A pausa breve antes do segundo bombardeio.

Eitan encostou-se na parede e murmurou:

— Isto não é um ataque. É uma invasão.

---

Gaza, 6h33.

Malik subiu no caminhão.

Os motores rugiram.

Os milicianos gritavam “Allahu Akbar”.

Ele olhou para trás — para sua casa, para o telhado onde Lina costumava brincar.

Um clarão iluminou o bairro.

E então, sem olhar mais, atravessou a fronteira.

---

Naquele instante, o mundo ainda não sabia, mas o Oriente Médio acabava de entrar em sua noite mais longa.

O céu ardia.

Os radares gritavam.

E, entre as chamas e a poeira, o século XXI mudava de nome.

## **CAPÍTULO IV — FOGO NO CÉU**

Gaza, 7h02.

O céu estava coberto de fumaça.

Os foguetes cruzavam uns sobre os outros, traçando arcos de luz vermelha e branca.

O som era o de um trovão contínuo, o rugido de mil motores invisíveis.

As crianças corriam pelas ruas sem saber se fugiam do inimigo ou do próprio medo.

Os homens gritavam ordens, as mulheres juntavam os filhos e os documentos.

O ar cheirava a pólvora e poeira — um cheiro que ninguém mais esqueceria.

Malik desceu do caminhão e ouviu o primeiro impacto no solo israelense.

A explosão iluminou o horizonte como se fosse dia.

A poeira subiu em nuvem.

Ele viu, ao longe, colunas de fogo subindo atrás da cerca.

O rádio chiava:

— “Posição Beta, avançar. Repetindo: avançar.”

Ele respirou fundo.

Sentia o corpo inteiro tremer, não de medo, mas de certeza.

O momento pelo qual vivera — e pelo qual talvez morresse — havia chegado.

Olhou para o céu e pensou: Allah, dá-me força ou dá-me fim.

---

Kibutz Re'im, 7h10.

O festival estava em pânico.

Centenas de jovens corriam em todas as direções, deixando para trás mochilas, celulares, sapatos.

Os mísseis caíam próximos, levantando colunas de terra e fogo.

Os alto-falantes ainda ecoavam a música, agora distorcida — uma trilha absurda para a fuga.

Nir, o DJ, gritava para o segurança:

— É ataque? É ataque?

O homem não respondeu.

Olhou para o céu e viu paraquedas descendo.

Primeiro um. Depois cinco. Depois dezenas.

Nir achou que eram suprimentos militares.

Até o primeiro tiro.

O som seco da metralhadora cortou a manhã.

Corpos caíram sobre a areia.

E o festival virou campo de morte.

---

Tel Aviv, 7h22.

Yael assistia às telas como quem vê o impossível.

Imagens interceptadas por drones mostravam veículos cruzando a fronteira, túneis se abrindo, homens armados avançando sobre os kibutzim.

Ela pensou em ligar para a mãe, mas a rede celular já estava em colapso.

O general entrou na sala e perguntou, pálido:

— Quantos pontos de invasão?

— Quarenta e sete confirmados — respondeu Yael. — Mas o número aumenta a cada minuto.

O general sentou-se, passou a mão pelo rosto e murmurou:

— Como não vimos isso?

Ninguém respondeu.

A guerra moderna não tem prelúdio.

Começa como um acidente — e termina como tragédia inevitável.

---

Be'eri, 7h35.

Eitan saiu do abrigo.

O som das explosões vinha de todos os lados.

Os vizinhos gritavam, os cães uivavam, e o ar parecia vibrar.

Viu fumaça ao norte.

Pegou o rifle antigo do pai, ainda pendurado na parede, e subiu no telhado.

Lá de cima, enxergou algo impossível:

Homens armados, vindos do leste, atravessando o campo de girassóis.

Eram dezenas.

Vestiam preto e verde.

Moviam-se rápido, como sombras treinadas para matar.

Eitan gritou para a esposa:

— Eles estão aqui! Fechem as portas!

Mas a frase morreu no ar quando ouviu os primeiros tiros no portão do vizinho.

---

Gaza, 7h40.

Malik e o grupo corriam entre crateras abertas pelas próprias explosões.

O chão tremia.

O ar queimava.

Os rádios gritavam ordens desencontradas.

Ele pensava apenas em avançar — cada passo um segundo emprestado à morte.

À frente, o comandante foi atingido.

O corpo caiu, inerte.

Malik pegou a arma dele e seguiu.

Atravessaram o arame.

Estavam em território israelita.

O inimigo agora tinha rosto, casas, jardins, nomes escritos em hebraico.

---

Tel Aviv, 8h02.

O gabinete de emergência reunia-se às pressas.

O primeiro-ministro, sem gravata, repetia:

— Ninguém entra, ninguém sai. O exército está se mobilizando.

Mas as comunicações estavam em colapso.

As forças nas fronteiras, cercadas.

Helicópteros não conseguiam decolar — os foguetes ainda cruzavam o céu.

Yael observava o mapa digital:

zonas vermelhas se expandindo como uma infecção.

Pensou: É mais do que um ataque. É uma humilhação.

---

Be'eri, 8h15.

O portão cedeu.

Os milicianos invadiram.

Eitan disparou.

O primeiro caiu.

Mas havia muitos.

Gritos, fumaça, tiros.

A esposa correu com as crianças para o abrigo.

Uma granada explodiu.

A casa desapareceu num clarão.

O som que se seguiu não foi o da explosão — foi o do vazio.

Silêncio absoluto, como se o mundo tivesse expirado.

---

Gaza, 8h30.

Nos túneis, os rádios celebravam:

— Al-Qassam entrou em Be’eri! Al-Qassam entrou em Re’im! Vitória!

Mas Malik não ouvia mais.

Caminhava entre corpos, entre gritos, entre ruínas.

Pensou em Lina.

No rosto dela quando o céu escurecesse.

E, por um instante, quis que tudo parasse.

Que o mundo inteiro congelasse para ele poder respirar.

Mas o céu, de novo, rugiu.

---

Tel Aviv, 8h45.

Yael recebeu uma transmissão aérea interceptada: imagens do festival — centenas de corpos espalhados pela areia.

Ela virou o rosto.

Não suportou.

— Meu Deus... — murmurou.

O general apenas disse:

— Isso muda tudo.

E saiu da sala.

---

A manhã do dia 7 de outubro terminava.

O sol ainda brilhava, mas a luz era outra — metálica, cruel.

Os foguetes continuavam, os tiros não cessavam, e as cidades começavam a entender o tamanho da ferida.

No céu, o fogo persistia.

E, sob ele, Gaza e Israel respiravam o mesmo ar — o ar do inferno.

## **CAPÍTULO V — A TERRA EM CHAMAS**

### **1. O CONTRAGOLPE**

Sul de Israel, 9h20.

O céu era uma teia de fumaça e fogo.

Os mísseis interceptados pela Cúpula de Ferro riscavam o horizonte em trajetórias curvas, como serpentes luminosas.

Mas não bastava.

Havia mais foguetes do que o sistema podia deter.

Em Be'eri, Eitan acordou entre destroços.

O som era abafado, distante, como se o mundo tivesse mergulhado na água.

Tentou levantar-se — o braço direito não respondia.

Ao lado, a casa já não existia.

A terra ardia, os gritos vinham de toda parte.

Viu um menino, coberto de sangue e poeira, olhando para ele sem dizer nada.

Eitan murmurou:

— Fica comigo, garoto. Fica comigo.

Mas o menino já não o ouvia.

Acima, o zumbido de helicópteros.

A Força Aérea começava a responder.

Explosões em sequência, fogo cruzando o ar.

A retaliação tinha começado.

---

## **2. GAZA, O ABISMO**

Cidade de Gaza, 10h15.

Malik correu pelas ruínas de uma escola atingida.

Crianças gritavam entre blocos de concreto.

As sirenes não paravam.

O bombardeio israelense havia começado com uma precisão quase matemática — bases, túneis, depósitos de armas, mas também casas, mesquitas, hospitais.

Tudo era alvo.

Ele tentava ajudar uma mulher a tirar o filho dos escombros.

— Segura firme! — gritou.

A poeira subia como névoa.

Quando conseguiu puxar a criança, ela já não respirava.

Malik olhou para o céu e sentiu raiva, medo e culpa se misturarem.

— Allah... por quê? — sussurrou.

Mas a resposta veio em forma de explosão — mais próxima, mais ensurdecadora.

---

### **3. O GABINETE DE GUERRA**

Jerusalém, 10h45.

O primeiro-ministro falava com voz rouca diante das câmeras:

— Israel está em guerra. Pagaremos caro, mas o inimigo pagará em dobro.

Atrás dele, os ministros e generais trocavam olhares tensos.

A imprensa, contida a poucos metros, registrava tudo.

Em cada tela, as imagens dos kibutzim arrasados.

O país inteiro exigia vingança.

Yael, agora deslocada para a sala de crise, monitorava o mapa eletrônico.

Os pontos vermelhos piscavam como feridas vivas.

Ela sussurrou:

— Eles sabiam onde atacar... sabiam tudo.

O general respondeu, sem emoção:

— Então é hora de fazê-los esquecer.

---

#### **4. O CERCO**

Faixa de Gaza, 13h00.

A artilharia israelense disparava sem cessar.

Do mar, navios de guerra bombardeavam a costa.

Dos céus, caças sobrevoavam em formação, soltando bombas de precisão.

A cidade se dissolvia em fumaça.

Os hospitais transbordavam de feridos.

Muitos não tinham anestesia, nem luz elétrica.

Malik entrou em uma rua que antes fora um mercado.

Agora, só escombros.

Viu um corpo coberto por uma bandeira verde.

Reconheceu o comandante.

O homem que dissera: “Quando o ponteiro cruzar o seis, o mundo mudará de nome.”

Tinha mudado, sim.

Mas não como ele imaginara.

---

#### **5. O MUNDO ASSISTE**

Washington, 14h20 (hora local).

O presidente americano apareceu diante das câmeras.

— Este foi o dia mais sangrento da história de Israel desde o Holocausto. — Sua voz falhou. — Os Estados Unidos apoiam plenamente o direito de Israel à autodefesa.

As imagens dos ataques já dominavam todas as emissoras.

Na Europa, multidões saíam às ruas — umas em solidariedade a Israel, outras em defesa da Palestina.

O mundo se dividia em gritos.

Nas redes, cada vídeo era uma sentença.

A verdade tornava-se refém do algoritmo.

---

## **6. BE'ERI, O CREPÚSCULO**

Eitan caminhava entre as ruínas do kibutz.

O sol começava a descer, tingindo o ar de vermelho.

Encontrou a esposa — ou o que restara dela — junto ao abrigo destruído.

Caiu de joelhos.

Ficou ali, imóvel, enquanto os helicópteros passavam.

Não havia mais choro, nem palavras.

Só o som distante das bombas, como um tambor surdo marcando o ritmo da dor.

---

## **7. GAZA, A NOITE SEM FIM**

Malik tentou voltar para casa.

O bairro havia desaparecido.

O ar cheirava a ferro e carne queimada.

Andou entre destroços, gritando o nome da irmã:

— Lina! Lina!

Ninguém respondeu.

A lua subia, pálida, sobre uma cidade sem luz.

Ele sentou-se, coberto de cinzas, e chorou em silêncio.

O guerreiro, o mártir, o inimigo — agora apenas um homem entre ruínas.

---

## **8. TEL AVIV, A MADRUGADA**

Yael saiu da base às três da manhã.

O mar estava escuro, sem barcos, sem vozes.

Ela pensou em quantas vezes aquele mesmo mar servira de refúgio — e agora era testemunha do horror.

Sentou-se no banco e fechou os olhos.

Sabia que aquilo era apenas o início.

A guerra real — a de semanas, meses, talvez anos — acabara de nascer.

---

Naquela noite, Gaza ardia.

Israel sangrava.

E o mundo, paralisado diante das telas, assistia a tudo como quem assiste a um eclipse — belo, terrível, inevitável.

A terra, enfim, estava em chamas.

## CAPÍTULO VI — AS SOMBRAS DO DIA SEGUINTE

### 1. MANHÃ CINZA

Israel, 8 de outubro, 6h00.

O sol nascia sobre um país irreconhecível.

Nas estradas, colunas de fumaça subiam como velas de luto.

Os tanques seguiam em direção a Gaza, empurrando poeira e silêncio.

Nas rádios, as vozes falavam baixo — como se o volume fosse uma forma de respeito aos mortos.

Nos hospitais do sul, os corredores estavam cheios.

Médicos dormiam em pé.

Voluntários distribuía água, cobertores, pílulas de calma.

Corpos identificados eram alinhados sob lonas brancas; corpos sem nome, sob sacos pretos.

Eitan caminhava entre eles.

Procurava a filha — e já não sabia se queria encontrá-la viva ou morta.

O rosto era um deserto.

O olhar, vidro.

Um soldado se aproximou:

— Senhor, precisamos que o senhor se afaste.

Mas ele não se moveu.

O soldado hesitou.

E, em voz baixa, disse apenas:

— Sinto muito.

---

## **2. GAZA, SOB OS ESCOMBROS**

Cidade de Gaza, 8h40.

O dia amanheceu sem eletricidade, sem água, sem comunicação.

Os hospitais funcionavam com geradores e velas.

Mulheres cavavam com as próprias mãos em busca de parentes.

Os drones sobrevoavam como abutres metálicos.

Malik acordou entre destroços.

Não sabia quanto tempo estivera desacordado.

Tentou levantar-se, tossindo sangue e poeira.

Ouviu gemidos vindos debaixo de uma laje.

Cavou com as unhas, enlouquecido.

Encontrou Lina — viva, mas ferida.

O olhar dela era o espelho do mundo: medo, cansaço e uma compreensão silenciosa do fim.

— Vai ficar tudo bem — mentiu.

Ela segurou-lhe o rosto:

— O céu não dorme mais, Malik.

E ele soube que a infância dela havia terminado para sempre.

---

### **3. TEL AVIV, OS NOMES**

Na sede do governo, as listas cresciam hora a hora.

Reféns, desaparecidos, mortos.

Yael observava a tela e via os nomes se multiplicarem como fantasmas digitais.

— Quantos reféns confirmados? — perguntou o general.

— Duzentos e cinquenta e um — respondeu ela. — Crianças, soldados, idosos.

Silêncio.

Do lado de fora, manifestantes exigiam vingança.

Cartazes, bandeiras, raiva.

Israel, país ferido, já preparava sua contra ofensiva.

A guerra deixava de ser resposta — tornava-se projeto.

---

### **4. AS RUAS DO MUNDO**

Londres, Paris, Nova Iorque, Istambul.

Milhares marchavam.

Uns gritavam “Libertem a Palestina”, outros “Solidariedade a Israel”.

Entre eles, ninguém ouvia ninguém.

O mesmo conflito repetido em outra arena — sem bombas, mas com as mesmas trincheiras morais.

Nos cafés, nos noticiários, nas redes, cada palavra era uma bala.

A verdade, estilhaçada, transformava-se em arma.

---

## **5. GAZA, OS MORTOS SEM NOME**

No bairro de Shuja'iyya, corpos eram colocados em fila.

Não havia espaço nos necrotérios.

O calor fazia o ar cheirar a ferro.

Uma mulher implorava por ajuda:

— Só quero um lençol para cobrir meu filho.

Um homem respondeu:

— Não há mais lençóis.

Ela se ajoelhou no chão e cantou uma oração entre lágrimas.

Malik caminhava entre os escombros.

Carregava Lina nos braços, tentando chegar ao hospital.

Mas o hospital não existia mais.

Apenas tendas e um médico exausto, de mãos sujas de cinza.

Ele olhou para a menina e disse:

— Não tenho anestesia.

Malik respondeu:

— Então faz sem.

---

## **6. JERUSALÉM, A REUNIÃO**

O gabinete de guerra estava reunido.

O primeiro-ministro, com os olhos vermelhos, falou:

— Gaza será apagada.

Silêncio.

Alguém tentou ponderar sobre os civis.

Ele interrompeu:

— Civis? Eles nos queimaram vivos.

Yael observava, calada.

Sabia que, a partir daquele momento, não havia mais distinção entre vingança e estratégia.

E, no fundo, sentia o mesmo desejo — cruel, humano, compreensível:

Que o inimigo sinta o que sentimos.

---

## **7. NOITE SOBRE DOIS POVOS**

Tel Aviv, 22h00.

As sirenes voltaram a soar.

Novos foguetes.

Pessoas corriam para os abrigos, rezando sem fé.

Gaza, 22h00.

O chão tremia.

O céu ardia.

Lina dormia, exausta, no colo de Malik.

Ele olhou para o alto e pensou:

Se existe Deus, que olhe para nós — nem como juízes, nem como culpados — apenas como sobreviventes.

Mas o céu não olhava.

O céu apenas devolvia fogo.

---

Naquela noite, nenhum dos dois lados dormiu.

Israel velava seus mortos.

Gaza enterrava seus vivos.

E o mundo inteiro, diante das telas, descobria que o horror tinha dois rostos — e nenhum deles era o da vitória.

As sombras do dia seguinte não passariam tão cedo.

## **Capítulo VII – Os Reféns**

O silêncio dentro do túnel era quase um organismo vivo. Respirava, suave, rangia. As paredes, sujas de terra e óleo, guardavam o som abafado de passos, choros e respirações contidas. No escuro, dezenas de pessoas — homens, mulheres, crianças — sentavam-se juntas, presas a correntes improvisadas, vigiadas por jovens armados que pareciam tão assustados quanto elas.

Entre os reféns, havia uma mulher de cabelos grisalhos chamada Yael Koren, enfermeira de um kibutz próximo à fronteira, levada no primeiro dia do ataque. Ao lado dela, um rapaz de vinte anos tentava controlar o tremor das mãos. “Eles não vão nos matar agora”, murmurava ele, tentando convencer a si mesmo. “Precisamos estar vivos... eles precisam de nós vivos.”

Do outro lado do enclave, em uma casa destruída de Khan Yunis, um comandante do Hamas observava vídeos enviados por combatentes. Cada gravação era um trunfo, uma carta de negociação. As imagens de reféns eram transferidas para um servidor escondido, com legendas e datas, para serem exibidas quando conveniente. “Os judeus choram com imagens”, disse um dos líderes, acendendo um cigarro. “Mostraremos uma de cada vez. Eles pagarão mais assim.”

Em Tel Aviv, no gabinete de emergência, a atmosfera era de febre. O Estado inteiro parecia ter sido sequestrado junto com seus cidadãos. Netanyahu, exausto, olhava fixamente para

uma tela com os rostos dos desaparecidos. “Tragam todos de volta”, dizia, mas a voz soava mais como um mantra do que uma ordem. O Mossad já havia aberto canais discretos com Doha e Cairo. Nenhum país admitia oficialmente participar, mas todos sabiam: o preço da vida seria medido em combustível, prisioneiros e silêncio diplomático.

Nas madrugadas de Gaza, os reféns ouviam o som dos bombardeios como trovões próximos. O teto tremia, a poeira caía, e o ar rareava. Às vezes, os guardas fugiam por instinto, deixando-os sozinhos por horas. Yael contava as batidas do coração, transformando o medo em ritmo, como se fosse uma oração primitiva. Um dos sequestradores, um menino de dezenove anos chamado Samir, observava-a em silêncio. Ele havia perdido toda a família em 2014. “Você tem filhos?”, perguntou uma noite. Ela hesitou, depois respondeu: “Tinha. Não sei se ainda tenho.”

Longe dali, nos bastidores das negociações, o preço começava a subir. O Hamas exigia combustível, medicamentos e a libertação de prisioneiros — alguns condenados por assassinatos. Israel recusava, depois cedia, depois voltava a recusar. O Egito media palavras. O Catar intermediava promessas. E os EUA pressionavam sem se comprometer. Cada decisão arrastava dias, e cada dia era uma sentença para quem estava sob o chão.

Quando o primeiro grupo de reféns foi libertado — onze pessoas, entre elas duas crianças —, o mundo prendeu a respiração. As imagens correram o planeta: abraços, lágrimas, mãos levantadas. Mas em Gaza, Yael e Samir continuavam ali, vivos por um milagre que nenhum deles compreendia.

A guerra já não era apenas de foguetes e tanques. Era uma guerra de narrativas, de câmeras e de corpos vivos usados como argumentos. E, à medida que as negociações avançavam, algo mais sombrio se formava nos corredores do poder — a certeza de que nem todos voltariam.

## **Capítulo VIII – O Cerco e o Êxodo**

As colunas de blindados começaram a se mover na madrugada do vigésimo segundo dia. Do norte ao sul da Faixa de Gaza, o som metálico dos tanques Merkava ecoava como o rolar de trovões. O céu, de um negro opaco, iluminava-se a cada disparo de artilharia. Era o início da ofensiva terrestre, e nada — nem as advertências internacionais, nem os apelos da ONU — deteria a marcha.

Nas fronteiras, soldados israelitas rezavam antes de cruzar. Alguns beijavam fitas azuis amarradas nos pulsos. Outros olhavam fixamente para o vazio, como se buscassem o rosto de alguém que já sabiam que perderiam. À frente, drones pairavam sobre os escombros — ruínas ainda fumegantes de bairros inteiros. Gaza, vista de cima, parecia um planeta despedaçado.

Quando as tropas avançaram, encontraram silêncio e poeira. As ruas estavam vazias, exceto por cães famintos e corpos cobertos de lençóis. O cheiro da morte era uma presença constante, densa, quase física. O exército de Israel chamava aquilo de “zona de combate”; os que viviam ali chamavam de “casa”.

No hospital Al-Shifa, os geradores falhavam. Cirurgias eram feitas à luz de lanternas de celular. Médicos trabalhavam com mãos enfaixadas e olhos avermelhados pela falta de sono. Crianças gritavam, mulheres choravam, e os corredores tornaram-se cemitérios improvisados. Um repórter estrangeiro descreveu: “É como se o mundo tivesse deixado de existir fora daqui.”

No meio desse inferno, começou o êxodo. Centenas de milhares de civis foram ordenados a deixar o norte e marchar para o sul. Famílias inteiras, empurrando carrinhos, bicicletas, burros, caminhando por quilômetros sob bombardeio. “Levem apenas o necessário”, diziam os panfletos lançados do ar. Mas o necessário era tudo o que já não tinham.

Do lado israelense, as imagens eram exibidas como provas de avanço. “Estamos desmantelando o Hamas”, dizia o porta-voz militar. “Gaza será purificada.” No entanto, dentro das salas de comando, oficiais mais jovens começavam a duvidar. “Não há Hamas sob cada casa”, sussurrou um capitão. “Há famílias.”

Em Khan Yunis, Yael — a enfermeira sequestrada — ouvia as explosões cada vez mais próximas. O jovem guarda Samir tremia, sem saber se rezava ou amaldiçoava. “Eles estão vindo”, murmurou. “Para nos salvar ou para nos enterrar.” A linha entre vítima e algoz tornava-se indistinta.

E, em Tel Aviv, enquanto o país assistia aos noticiários com o peito apertado, a guerra já tinha ultrapassado o campo da razão. O cerco de Gaza deixara de ser militar — era simbólico. Cercava consciências, cercava o futuro, cercava a própria ideia de humanidade.

Quando o sol nasceu naquele dia, não havia horizonte — apenas fumaça, poeira e uma sensação coletiva de culpa irreparável.

## Capítulo IX – O Preço do Silêncio

As bombas diminuíram, mas o ruído da guerra persistia em todas as telas, rádios e consciências. Tel Aviv tornara-se uma cidade em suspensão — cafés abertos, trânsito fluído, mas com o ar carregado de algo invisível: uma culpa coletiva que ninguém sabia nomear. A guerra prosseguia, e o governo falava em “vitória inevitável”. Mas nas ruas, os murais com os rostos dos reféns já desbotavam, e as famílias, cansadas de promessas, começavam a gritar.

Nos protestos de Jerusalém, mães com lenços brancos erguiam cartazes: “Tragam-nos de volta, vivos!”. Policiais tentavam contê-las com suavidade, mas os escudos ainda refletiam o fogo das velas acesas. No alto dos prédios governamentais, ministros discutiam números, não pessoas. A diplomacia transformava o horror em estatística.

Em Doha, intermediadores do Catar reuniam-se com oficiais do Hamas e diplomatas ocidentais. Nenhum olhar se fixava em outro por mais de dois segundos. As negociações eram como xadrez jogado com as peças ensanguentadas. Cada refém equivalia a um carregamento de combustível, a um corredor humanitário, a um breve cessar-fogo de 24 horas. E, nas entrelinhas, crescia o cinismo: a guerra já alimentava carreiras, discursos e campanhas políticas.

Em Gaza, o som da vitória era indistinguível do som da fome. As ruas do norte eram ruínas. As do sul, acampamentos de deslocados. Homens jovens cavavam túneis novos, como se acreditassem que o subterrâneo pudesse substituir o céu. Os líderes do Hamas apareciam em vídeos gravados em locais secretos, prometendo resistência até o fim. “Nosso povo não se curva”, diziam — mas seus rostos, mais pálidos e magros, traíam o desgaste.

Em Tel Aviv, um oficial israelita — capitão Eli Dagan, 31 anos — foi chamado a depor diante de um comitê interno. Acusado de desobedecer ordens ao recusar um bombardeio sobre uma escola, ele defendeu-se com a voz trêmula:

— Eu vi crianças, senhor. Vi brinquedos, vi livros. Não havia militantes ali.

O general respondeu sem emoção:

— Você viu o que o inimigo queria que você visse.

Quando saiu da sala, Eli acendeu um cigarro e percebeu as mãos trêmulas. A fumaça subia leve, indiferente. “O que é vencer uma guerra assim?”, pensou.

Nos noticiários, líderes mundiais discursavam sobre direitos humanos e segurança nacional, palavras gastas pelo uso. A ONU pedia “moderação”, o Conselho de Segurança debatia resoluções vetadas em minutos. Nas redes sociais, a guerra era um espetáculo contínuo, alternando indignação e silêncio, hashtags e desinformação.

Yael, ainda viva em Gaza, olhava para um pequeno buraco de luz que atravessava o teto do abrigo. Não sabia mais o que esperar — resgate, morte ou esquecimento. Samir, o jovem guarda, aproximou-se com um pouco de água e disse:

— Eles dizem que a guerra vai acabar logo.

— As guerras nunca acabam — respondeu ela. — Só mudam de nome.

O silêncio que seguiu foi o som mais verdadeiro desde o primeiro disparo.

## **Capítulo X – A Cidade Sob as Cinzas**

O cessar-fogo chegou como uma mentira piedosa.

Não houve fanfarras, nem assinaturas solenes, nem discursos triunfais. Apenas um silêncio abrupto, quase indecente, depois de meses de trovões metálicos. O céu sobre Gaza parecia um espelho rachado, onde o sol se refletia sobre colunas de poeira. A guerra parava — mas a terra ainda tremia, como se respirasse em espasmos.

No norte da Faixa, a cidade de Beit Hanoun era agora um mapa irreconhecível. Ruas desaparecidas, prédios abertos ao meio, escombros que guardavam vozes sob camadas de concreto. Mulheres vagavam com fotografias nas mãos. Crianças, descalças, brincavam com cartuchos de munição. No hospital Al-Shifa, os médicos que sobreviveram improvisavam

salas de cirurgia em tendas. “Não temos mais antibióticos”, dizia uma enfermeira. “Mas temos o que resta da esperança — e isso ainda não nos confiscaram.”

Em Tel Aviv, o retorno à normalidade era apenas uma encenação. Cafés lotados, praias cheias, música nos bares — mas os rostos, antes vivos, pareciam desenhados em sombra. As telas gigantes nas avenidas mostravam os reféns libertados, as crianças reencontrando os pais, os abraços impossíveis. Mas logo a transmissão cortava: o resto dos rostos — os não libertados, os mortos — permanecia fora do quadro.

O capitão Eli Dagan caminhava sozinho pela praia ao entardecer. Na mão, um envelope que ainda não tivera coragem de abrir — a carta de desligamento das Forças de Defesa. Ele sabia o que estava escrito sem precisar ler. No horizonte, o mar brilhava como se nada tivesse acontecido. “Talvez seja essa a punição”, pensou. “Continuar vivo.”

Do outro lado do muro, Samir, o jovem combatente, observava o mesmo pôr do sol. Estava coberto de poeira, ferido, mas de pé. Não sabia se era vitorioso ou derrotado — apenas vivo. Yael, a enfermeira, fora libertada uma semana antes. Ele vira a coluna de prisioneiros atravessar os destroços, rumo a caminhões da Cruz Vermelha. Ela olhara para trás, por um instante. Um olhar breve, nem ódio, nem perdão. Apenas cansaço.

As negociações seguiam. Os discursos também. O mundo voltava lentamente à sua rotina indiferente, onde tragédias viram estatísticas e ruínas viram rodapés de notícia. Em Gaza, começaram a reconstruir casas com o mesmo cimento que sepultara corpos. Em Israel, ergueram novos abrigos, novos muros, novas certezas.

Mas ninguém acreditava realmente na paz.

Os mortos ainda não haviam sido contados. Os vivos ainda não haviam aprendido a dormir.

E assim, a guerra adormeceu — não terminou.

Como uma fera exausta, recolheu-se às sombras, esperando o próximo sopro de pólvora para despertar.

---

“E quando o mundo se calou, o pó falou por eles.”

## **Epílogo – A Terra Que Não Esquece**

Os escombros haviam esfriado, mas o cheiro da guerra continuava no ar. Gaza respirava com dificuldade, cada sopro lembrando os prédios caídos, os túneis colapsados e as vidas interrompidas. Crianças que sobreviveram aprendiam cedo que o chão podia engolir, que o céu podia atirar fogo e que os adultos, às vezes, não tinham respostas.

Em Israel, os kibutzim reconstruíam muros e casas, mas as cicatrizes iam além da argamassa. Cada janela quebrada, cada marca de bala lembrava o preço de uma fúria calculada. Os sobreviventes caminhavam como sombras, ouvindo os gritos de quem se foi entre os ventos da memória.

Yael voltou ao seu kibutz, ainda trêmula, carregando dentro de si os horrores que ninguém podia ver. Samir desapareceu entre os escombros de sua cidade, uma mistura de medo, culpa e sobrevivência. Eitan, que perdeu tudo, aprendeu que o silêncio também é cruel: fala mais alto que qualquer explosão.

No plano político, promessas e discursos preencheram o vazio, mas nada apagava a dor. O mundo assistia, registrava e discutia, mas a cicatriz moral permanecia invisível. E, à medida que a poeira se assentava, tornou-se claro que aquela guerra não tinha vencedores — apenas sobreviventes, cada um carregando o peso de decisões que não pediram para tomar.

E assim, a terra continuava a lembrar, insistentemente:

cada ruína, cada lágrima, cada vida arrancada ou poupada era um nome gravado no solo. O céu não esquecia. A memória não descansava. A história, cruel e imparcial, continuava a escrever-se em cada pedra, em cada rosto e em cada coração que ousava ainda bater.

A guerra não terminou. Ela apenas deixou seu silêncio — pesado, definitivo e cheio de lições que ninguém queria aprender, mas todos precisavam carregar.

**FIM**

# **A Beleza Mortal da Mossad**

## **PRÓLOGO**

### **A Mulher Sem Passado**

Uma mulher atravessa a fronteira leste do Irão para o Paquistão. Está ferida, mas calma. É a última vez que alguém a vê.

## **Capítulo 1 – O Nascimento de Josephine**

Paris, 2001.

A neve caía suavemente sobre as ruas do 16º arrondissement. Era inverno, mas não só no clima: era um tempo frio na alma da jovem Josephine. Aos 16 anos, perdera a mãe para o câncer, e o pai — um judeu sefardita marroquino, professor de história e ex-combatente da Guerra do Yom Kippur — mergulhara em silêncio, incapaz de confortá-la ou de confortar-se.

Josephine aprendera cedo a observar. A calar. A caminhar entre mundos.

Na escola católica onde estudava, ninguém sabia que ela rezava as orações em hebraico antes de dormir. Na universidade onde entraria mais tarde, seu sotaque refinado escondia os verões passados em Tel Aviv, entre avós sobreviventes da diáspora e histórias de luta pela sobrevivência.

Ela era uma encruzilhada viva: francesa, marroquina, judia, cosmopolita, mas sem raiz. E essa ausência de pertença moldou sua maior arma: a adaptação.

Aos 20 anos, fluente em cinco línguas (francês, hebraico, árabe, farsi e inglês), Josephine já frequentava círculos internacionais de jovens diplomatas. Era bela, mas não vulgar. Tinha um magnetismo difícil de explicar — olhos que pareciam captar a alma do outro e um sorriso que desarmava até os mais endurecidos.

Certa noite, após uma conferência sobre segurança no Mediterrâneo, foi abordada por um homem discreto, de fato cinzento, sem gravata. Sentou-se ao seu lado no café do hotel.

— Você não pertence a lugar nenhum, pois pertence a todos os lugares.

— Desculpe? — ela respondeu, surpresa.

— É uma observação. E uma constatação rara. Poucos nascem com esse dom.

— Dom de quê?

— De desaparecer enquanto todos te olham.

A conversa durou exatamente sete minutos. Ele não disse o nome. Apenas entregou um cartão com um número e a frase:

“Para onde o mundo vai, precisamos de olhos que vejam antes de todos.”

Ela guardou o cartão. Dois dias depois, o ligou. Em menos de uma semana, estava em um centro de avaliação nos arredores de Haifa. Foi apresentada como “voluntária para operações externas”, embora ainda não soubesse o que significava isso.

Durante os testes, percebeu que não estavam interessados em força física, mas em leitura de ambiente, improviso e controle emocional. Uma das provas consistia em manter uma mentira convincente por quatro horas, sob pressão. Ela manteve por sete.

Ao final, um avaliador rabiscou no relatório:

“Ela não mente. Ela vive o disfarce.”

— Agente Nitzan Cohen, Unidade Keshet.

Aos 23 anos, Josephine deixava de existir como civil.

Seu novo nome no sistema: Projeto Sheked.

Significado em hebraico: “amêndoa”, o primeiro fruto a florescer na primavera — o sinal de que algo está prestes a acontecer.

E assim, nascia a mulher que um dia faria o Irão tremer.

## **Capítulo 2 – Seleção para o Mossad**

Instalação Secreta do Mossad – Negev, Israel.

A temperatura passava dos 40°C. O calor era opressor, mas dentro das instalações subterrâneas do centro de instrução, o ar condicionado criava uma falsa sensação de conforto. Ilusão útil. A dor verdadeira ainda viria.

Josephine, agora oficialmente “candidata Sheked”, integrava uma lista restrita de mulheres selecionadas para o programa Yahalom, um ramo obscuro do Mossad especializado em infiltração de longo prazo. Era o oposto das operações relâmpago. Aqui, o espião deveria tornar-se parte do ambiente — respirar o ar do inimigo, amar seus costumes e morrer, se preciso, sem nunca ter existido.

— Você não será uma agente — disse-lhe o instrutor-chefe no primeiro dia.

— Você será uma lenda. Ou um cadáver. Sem meio-termo.

As sessões eram duras. Treino físico, sim, mas sobretudo psicológico. Em uma das provas, foi trancada em uma sala branca por 36 horas com ruídos contínuos de gritos e estática. A

missão? Não perder a sanidade. Ela não apenas resistiu: desenhou com o batom do bolso um mapa mental da sala, indicando todas as saídas de ar e pontos de microfone.

Aprendeu a desmontar e remontar armas com os olhos vendados. A usar venenos silenciosos e substâncias que não deixavam vestígios. Mas o mais difícil foi a anulação da identidade original.

— De hoje em diante, você não tem passado — disse um avaliador.

— E sua verdade será a mentira que for mais útil.

Josephine chorou uma única vez. Não durante o treino, nem nas simulações de tortura. Mas quando foi obrigada a queimar sua última foto com a mãe. Os instrutores observaram de longe. Queriam ter certeza: ela era capaz de se libertar de todas as âncoras.

Passaram-se meses. Cada teste era mais intenso que o anterior. Os fracassos custavam a eliminação imediata. Dos 26 selecionados para o programa, restaram apenas quatro. E entre eles, apenas uma mulher: Sheked.

A diretora do Mossad, Yael Nahmias, veterana de operações contra o Hamas e o Hezbollah, recebeu-a pessoalmente.

— A sua missão será um jogo de xadrez em campo minado. O Irã não é Gaza. Não é Líbano. É um império que espia a si mesmo a cada esquina.

— E o que esperam de mim? — perguntou Josephine.

— Esperamos que o Irã nunca saiba quem foi que os desfez. Esperamos que o seu nome nunca apareça em relatório algum. Esperamos... o impossível.

Naquela noite, em um alojamento silencioso do Negev, ela recebeu um envelope preto com o selo מוסד למודיעין ולתפקידים מיוחדים — “Mossad para Inteligência e Missões Especiais”.

Dentro, apenas uma folha com três linhas:

“Codinome: Yasmin El-Hashemi.  
Destino: Qom, República Islâmica do Irão.  
Missão: Infiltrar e desmantelar o núcleo civil do programa nuclear.”

Josephine respirou fundo.

Seu destino agora era o ventre do inimigo.

### **Capítulo 3 – O Plano “Mission Iran”**

Quartel-General do Mossad – Tel Aviv, fevereiro de 2023.

As luzes estavam apagadas. Três projetores lançavam sobre a parede um conjunto de fotos aéreas, mapas topográficos e imagens borradas de instalações subterrâneas nas regiões de Natanz, Isfahan e Fordow, todas pertencentes ao programa nuclear iraniano.

Na sala, cinco pessoas. Quatro homens e uma mulher. Todos veteranos. Todos sabiam que aquele encontro — e a decisão que tomariam — poderia alterar o equilíbrio estratégico do Médio Oriente por uma geração inteira.

A diretora Yael Nahmias iniciou:

— O Irão está a cinco anos de desenvolver capacidade nuclear operacional. Eles aprenderam com os nossos ataques passados e esconderam as instalações mais críticas sob montanhas. Nem drones penetram. Nem satélites captam. A diplomacia falhou. As sanções fracassaram. Só nos resta uma opção: infiltrar.

Um dos generais interveio:

— Isso é suicídio. A contrainteligência iraniana é a mais brutal do planeta.

— Concordo — disse Yael. — Por isso não enviaremos um espião comum. Precisamos de alguém que seja mais do que invisível. Precisamos de uma ideia. De um fantasma com rosto humano.

Ela clicou no controle remoto. A imagem de Josephine apareceu no ecrã, sentada num pátio em Rabat, disfarçada, durante um teste de campo. O olhar tranquilo. O corpo relaxado. Ninguém diria que, naquele dia, ela havia plantado um microtransmissor no bolso de um alto diplomata iraniano.

— Ela é o nosso bilhete. Fluente em farsi, conhecedora da cultura xiita, com perfil religioso compatível. Estudou jurisprudência islâmica e sabe recitar o Corão melhor do que metade dos aiatolás. Vai entrar não como ocidental decadente, mas como convertida.

Uma europeia espiritual, cansada da Europa, em busca de pureza.

Uma mulher sem passado, com fé no futuro.

— E se for descoberta? — perguntou um dos analistas.

— Ninguém vai saber que era nossa — respondeu Yael.

Assim nasceu a Mission Iran.

## Fase 1: Criação da Identidade

Nas semanas seguintes, a equipe de falsificação do Mossad montou uma vida inteira: Yasmin El-Hashemi, francesa de nascimento, filha de pai argelino e mãe convertida ao Islã. Médica voluntária. Formada em botânica e fitoterapia islâmica. Registrada em universidades fictícias do Sudão e da Malásia. Passaporte francês, com viagens documentadas a Meca e Najaf.

## Fase 2: Entrada no Irão

Com base numa rede de ONGs financiadas por simpatizantes xiitas, Yasmin seria inserida num programa de assistência social em Qom — coração espiritual do Irão. A partir dali, construiria conexões com o clero e, mais tarde, com as famílias dos oficiais militares de elite.

### Fase 3: Infiltração Progressiva

Nada de pressa. O plano era de dois anos. Primeiro, conquistar a confiança das mulheres. Depois, os filhos. E, por fim, os maridos. O objetivo: obter rotinas, acessos, layouts, hábitos, dispositivos. Cada pequeno detalhe seria útil para um ataque futuro.

### Fase 4: Transmissão Silenciosa

Um sistema de microcomunicação embutido em contas de oração permitiria o envio de informações através de pulsos criptografados. Disfarçado de comportamento religioso, o gesto de contar as contas seria, na verdade, um ato de espionagem.

Josephine ouviu tudo em silêncio. Ao final, Yael a olhou nos olhos.

— Vais ser lembrada... ou jamais serás mencionada.

— Eu prefiro a segunda opção — disse ela. — Lendas morrem.

— E fantasmas vivem.

Dois dias depois, o Mossad limpava todos os registros de Josephine Durant.

E nas redes xiitas do Irão, uma nova mulher surgia: Yasmin El-Hashemi.

Piedosa. Discreta. Misteriosa.

E letal.

## Capítulo 4 – Morte de Josephine, Nascimento de Yasmin

Istambul, março de 2023.

A noite chuvosa pintava reflexos dourados nos becos estreitos de Fatih, o bairro mais conservador da cidade. Ali, entre livrarias islâmicas e mesquitas iluminadas por lâmpadas antigas, uma mulher caminhava em silêncio. Vestia-se com modéstia: lenço escuro, túnica longa, olhar baixo. Ninguém notava nada especial nela — e era exatamente isso que tornava Yasmin El-Hashemi perfeita.

Até três dias antes, ela ainda se chamava Josephine Durant.

Naquela manhã, em um apartamento seguro fornecido pelo Mossad, ela queimou seus últimos pertences reais: cartas antigas, uma foto com o pai, a identidade francesa. O passaporte diplomático falso fora picotado e incinerado. Até a assinatura em sua tatuagem no ombro — uma discreta estrela de Davi — foi removida a laser.

Ali, numa banheira fria de um prédio anônimo em Istambul, ela morreu simbolicamente.

Josephine foi embora. Yasmin nasceu das cinzas.

### Treinamento Religioso e Cultural

Em Qom, cidade sagrada iraniana, qualquer deslize era uma sentença de morte. Por isso, o Mossad empregou um time de teólogos xiitas, muitos deles convertidos em países africanos e asiáticos, para doutriná-la em profundidade. Ela aprendeu os du‘a (súplicas), os hadiths (tradições), e até pequenos erros de pronúncia locais — tudo fazia parte do papel.

Nos ensaios com especialistas, foi posta à prova:

- O que significa a ablução de tayammum em tempos de guerra?
- Em situações de escassez de água, a pureza é obtida com poeira limpa.
- Qual é o papel da Sayyida Zainab no martírio de Karbala?
- Testemunha da resistência. Voz após o massacre.

Passava por iraniana no comportamento, no tom de voz e até na escolha de palavras. Sua entonação imitava as classes altas de Teerão, mas com um sotaque rural leve — o suficiente para parecer genuína, mas sem atrair atenção.

## A Entrada no Irão

No final de abril, Yasmin embarcou de Istambul para Najaf, no Iraque, com uma comitiva de mulheres xiitas. Lá, uniu-se a um grupo de voluntárias médicas e seguiu, por estrada, até a cidade iraniana de Qom. Cruzou a fronteira legalmente, com vistos humanitários. Acompanhada por freiras xiitas de origem africana, ninguém a questionou.

Chegando a Qom, foi alojada num centro feminino de estudos islâmicos. Os dias começavam com preces, depois aulas de jurisprudência e, à tarde, atendimentos comunitários — massoterapia, fitoterapia e medicina natural. Sua especialidade, cuidadosamente montada pelo Mossad.

As mulheres da elite começaram a notar aquela francesa calma, que falava como elas, mas com uma doçura diferente. Yasmin ouvia mais do que falava. E isso, numa sociedade onde tantas são ignoradas, abria portas invisíveis.

Logo, vieram os convites para jantares discretos, cerimônias religiosas privadas, festas de nascimento. As esposas dos generais e cientistas encontravam em Yasmin uma confidente espiritual, uma irmã de fé.

E Josephine, enterrada sob véus e sorrisos, começava a escalar as muralhas do regime.

## Capítulo 5 – Chegada ao Irão

Qom, Irão – Maio de 2023.

A cidade pulsava uma espiritualidade densa. Minaretes dominavam o horizonte. Homens de túnicas negras e turbantes brancos transitavam entre madrassas e mesquitas. Mulheres envoltas em chadors negros moviam-se como sombras cerimoniais pelas ruelas labirínticas. Era um mundo fechado, hierárquico, masculino. Mas também cheio de brechas — e era por essas que Yasmin El-Hashemi começaria a infiltrar-se.

Atravessando o portão de ferro do Centro Cultural para Mulheres Convertidas, Yasmin respirou fundo. A jornada estava oficialmente começando. Foi recebida por duas figuras-chave para a sua inserção:

- Zahra Vahidi, diretora do centro, viúva de um antigo comandante da Guarda Revolucionária.
- Sister Leila, uma eritreia convertida que coordenava ações sociais e sabia distinguir uma farsa de uma alma sincera.

Josephine sabia que vencer Leila seria o primeiro obstáculo real. Ela não confiava em estrangeiras facilmente. Mas Yasmin não mentia — ela vivia o disfarce. Jejuava com rigor, recitava versos do Alcorão de cor, chorava ao lembrar o martírio do Imam Hussein, e sobretudo, mantinha o olhar sempre mais humilde do que submisso.

Em poucas semanas, Leila já a elogiava em voz alta:

— Yasmin tem o coração limpo. Ela é como nós, mas veio de longe para nos lembrar do valor da fé.

Primeiros Passos

A estratégia era simples: crescer de baixo para cima. Yasmin começou a atender mulheres da periferia, oferecendo tratamentos com ervas, massagens terapêuticas, conselhos religiosos e escuta atenta. Ganhava sorrisos, bênçãos, orações.

Uma dessas pacientes foi Fatemeh Soltani, esposa de um coronel da Força Quds. Tímida e solitária, Fatemeh encantou-se com Yasmin desde o primeiro atendimento. Começaram a encontrar-se para chá e discussões sobre o papel da mulher na religião.

Duas semanas depois, Yasmin foi convidada para uma reunião de dhikr (lembrete espiritual) na casa de Fatemeh.

E ali, pela primeira vez, entrou na casa de um homem do regime.

### Cartografando o Inimigo

Naquela primeira visita, Josephine não ousou tirar fotos nem levar nenhum dispositivo eletrônico. Seu único instrumento era a memória fotográfica.

Ela memorizou:

- Posição das câmaras de segurança internas.
- Horários dos guardas no portão.
- Código da fechadura eletrônica da entrada secundária.
- Título dos livros na estante do marido.
- Perfis dos filhos adolescentes.

À saída, sorriu e agradeceu. Em casa, escreveu tudo num pequeno caderno camuflado, cujas páginas podiam ser dissolvidas em segundos com uma gota de vinagre.

### Primeira Transmissão

No sétimo sábado, após ganhar acesso a duas outras casas de oficiais, Yasmin ativou o sistema de comunicação embutido no seu tasbih (rosário xiita). Cada conta tinha um microtransmissor que, ao ser pressionado numa sequência específica, enviava dados em pacotes de pulso via ondas curtas.

Ela sentou-se, fingindo oração profunda, e recitou os nomes dos Imames. Mas a cada frase, uma conta pulsava.

Completo o ciclo.

Dados enviados.

O Mossad recebeu tudo em Tel Aviv, decodificou e reagiu:

A infiltração estava oficialmente validada.

Yasmin sorriu diante do espelho, ajustando o véu.

Josephine já não era mais um disfarce. Ela era Yasmin.

E o Irã jamais veria o que se aproximava — porque olhava para ela como amiga.

## **Capítulo 6 – Chá com as Esposas dos Generais**

Teerã, agosto de 2023.

A casa de Nahid Khamseh-zadeh — esposa do general de brigada Hassan Khamseh-zadeh, estratega-chefe da defesa antiaérea iraniana — não era apenas uma residência luxuosa. Era um reduto do poder invisível do regime. Um lugar onde o silêncio dizia mais do que qualquer grito, onde os segredos eram disfarçados por sorrisos e porcelana chinesa.

Foi ali que Yasmin El-Hashemi foi convidada para seu primeiro “Chá de Respeito” — uma tradição feminina entre as elites militares do Irã, onde viúvas, esposas e filhas de oficiais discutiam religião, educação... e poder.

A sala era ampla, decorada com tapetes persas, cortinas de seda e lustres de cristal pendendo como espadas invertidas. Uma orquestra suave de murmúrios e colheres batendo em chá verde preenchia o ambiente.

Yasmin entrou com a cabeça baixa, os passos controlados, o sorriso tímido. Mas por dentro, o seu olhar analisava tudo.

## As Mulheres do Regime

Naquela tarde, estavam presentes:

- Marzieh Asadi, esposa de um alto responsável pela inteligência interna.
- Shahrzad Deyhim, filha de um cientista nuclear de Fordow.
- Simin Jalili, viúva de um ex-comandante da Força Quds, agora conselheira informal de esposas jovens.

Yasmin escutava mais do que falava. Cada frase recolhida, cada nome citado, cada hábito mencionado... era uma peça de um puzzle que ela organizaria mais tarde em código.

— É difícil para uma europeia adaptar-se à disciplina do hijab? — perguntou Simin.

— A verdade? Foi mais difícil adaptar-me ao silêncio — respondeu Yasmin com suavidade. — A fé obriga-nos a ouvir mais... e julgar menos.

As mulheres sorriram. Um comentário simples, mas certo. Alinhava-se com o discurso espiritual dominante, sem parecer bajulação.

## As Conexões que Interessavam ao Mossad

Durante o chá, Yasmin tomou nota mental de:

- Quais mulheres tinham acesso irrestrito às residências militares.
- Quem falava demais.
- Quem tinha rivalidades silenciosas.
- Quais nomes de cientistas e generais eram mencionados em tom de frustração ou orgulho.

Descobriu, por exemplo, que o general Khamseh-zadeh costumava deixar os planos semanais de deslocamento sobre a mesa da sala, e que seu filho, Farid, usava o mesmo computador do pai para estudos escolares.

Detalhes ínfimos para os presentes. Tesouros para o Mossad.

Entre o Chá e o Código

Ao retornar para casa, Yasmin acendeu o incenso e, sob pretexto de oração, recitou uma sura do Alcorão com um ritmo específico. A sequência de pressões nas contas do tasbih ativou a microtransmissão.

Enquanto o verso sagrado ecoava, o Mossad recebia:

- Planta baixa aproximada da casa de Khamsehzhadeh.
- Nomes e rotinas dos filhos.
- Datas de ausências programadas.
- Indicações de rivalidades internas entre esposas de oficiais.

Um Detalhe Revelador

Antes de sair da casa de Nahid, Yasmin viu uma fotografia emoldurada sobre a lareira. Estavam lá, sorridentes, o general e seus dois colegas próximos:

General Mehran Bavand, da defesa química, e General Ali Reza Sabouri, do setor nuclear.

Yasmin elogiou o retrato.

— Parecem irmãos — disse com leveza.

Nahid respondeu:

— São inseparáveis. Jantam juntos toda quinta-feira... pelo menos até os homens começarem a desaparecer.

Foi só um comentário. Uma frase.

Mas Josephine sabia: a quinta-feira à noite estava marcada.

O chá terminara. As mulheres sorriram, abraçaram-se. Yasmin saiu com o mesmo passo tranquilo de quem veio apenas partilhar a fé.

Mas na retaguarda, o Mossad já alinhava os satélites.

O tabuleiro estava armado.

As rainhas se moviam em silêncio.

## **Capítulo 7 – Acesso aos Cofres do Inimigo**

Teerão – Setembro de 2023.

Por trás de portas decoradas com caligrafia persa e tapeçarias milenares, escondiam-se os segredos mais bem guardados do Estado iraniano. Mas não estavam em cofres blindados nem em cofres eletrônicos. Estavam em computadores mal protegidos, agendas esquecidas em gavetas abertas, e palavras sussurradas por maridos confiantes em suas esposas silenciosas.

E foi ali que Josephine — disfarçada de Yasmin — começou a operar de forma mais profunda.

### **A Oportunidade Inesperada**

Na casa de Marzieh Asadi, esposa de um dos chefes de inteligência, Yasmin foi convidada para passar uma semana cuidando da matriarca doente da família — um gesto de confiança total. Durante esses dias, a casa tornou-se sua base operacional.

Certa tarde, enquanto Marzieh saía para o supermercado e o velho segurança cochilava na guarita, Yasmin entrou na sala de estudos do marido de Marzieh.

A porta estava trancada. Mas não para quem aprendera com os melhores técnicos do Mossad.

Do bolso do manto, retirou uma pequena agulha de carbono que se desdobrava como uma pinça. Um toque na tranca — e clic. A porta cedeu.

Dentro, ar condicionado forte, móveis de mogno, duas estantes repletas de livros sobre estratégia militar, e um computador portátil aberto, com a tela apagada, mas desbloqueada.

Tempo estimado de operação: 4 minutos e 20 segundos.

#### Coleta de Dados

1. Câmara escondida em botão de manto: ativada. Imagens de documentos sobre deslocamentos de generais e alvos protegidos capturadas.
2. Pendrive criptografado com vírus de coleta passiva: conectado. Transmissão silenciosa de arquivos prioritários.
3. Memorização rápida: localização de cofres físicos na casa e registros de reuniões secretas entre forças Quds e cientistas da base de Arak.

No fundo de uma das gavetas, Yasmin encontrou um envelope de couro vermelho com o selo do Ministério da Defesa. Abriu com cuidado cirúrgico. Dentro, mapas de túnel subterrâneo cruzando Isfahan até uma instalação nuclear identificada apenas como “Cão Negro - Setor 39”.

Ela fechou o envelope, recolocou-o no lugar exato, limpou a digital com um pano impregnado de uma enzima especial e saiu da sala. A porta voltou a se fechar. Nenhuma câmera. Nenhum som.

Total da operação: 3 minutos e 57 segundos.

#### O Risco Imediato

No dia seguinte, durante o almoço com a família, o marido de Marzieh comentou:

— Estranho... encontrei meu computador com o cursor sobre uma pasta confidencial.

— Talvez tenha sido o Ali. Ele mexe em tudo — respondeu Marzieh, referindo-se ao filho de 12 anos.

Yasmin riu junto, com naturalidade.

O risco existia. Sempre. Mas a dúvida é a melhor aliada de um agente. E uma criança curiosa era a desculpa perfeita.

Transmissão Prioritária

Naquela mesma noite, sentada diante do espelho, Yasmin fingia cuidar da própria pele com cremes artesanais. Mas atrás do espelho, escondido num pequeno nicho no rebordo de madeira, um transmissor de baixa frequência enviava dados captados pelo pendrive ao satélite espião Ofek-19, que sobrevoava discretamente o Golfo Pérsico.

As imagens e arquivos recebidos causaram agitação no Mossad.

Pela primeira vez, tinham prova física da existência do Setor 39 — um local que até então era negado por todas as fontes iranianas.

A resposta veio em um código curto:

“Excelente trabalho, Sheked. Continue.”

Um Cofre Dentro de Outro Cofre

Dias depois, Yasmin foi convidada para a casa de Shahrzad Deyhim, filha do cientista nuclear Dr. Maziar Deyhim. Shahrzad era orgulhosa, moderna e impulsiva. Durante um passeio pela casa, Yasmin notou uma pintura torta — o que revelou um painel oculto com impressora 3D de metais e componentes eletrônicos minúsculos, provavelmente usados para simular artefatos nucleares de teste.

Ela não tocou em nada. Apenas memorizou.

Depois, deitada na cama, rabiscou em tinta invisível na margem do Alcorão:

“Deyhim. Impressora nuclear. Casa com acesso a substâncias reguladas. Código de ativação: 1947.”

Ao término da missão, Yasmin sorriu para a anfitriã e disse:

— A sua casa tem uma energia especial. Parece que carrega segredos antigos.

Shahrzad riu:

— E talvez carregue mesmo, Yasmin. Mas você é das poucas que saberia apreciá-los.

Josephine estava mais perto do núcleo do que qualquer agente da história.

E o Irão... ainda oferecia chá, sem saber que já servia a própria ruína.

Capítulo 8 – O Cientista e o Segredo

Isfahan – Novembro de 2023.

Era uma noite fria, o céu limpo como vidro. No salão principal do Centro de Estudos Tecnológicos Avançados de Isfahan, uma conferência exclusiva reunia jovens cientistas e membros da elite acadêmica ligada ao programa nuclear. O evento celebrava o aniversário da Revolução Islâmica, mas também era uma vitrine de talentos — e, para Yasmin, uma oportunidade inesperada.

Ela fora convidada por Shahrzad Deyhim, que a descreveu como uma mulher “ocidental, sábia e profundamente devota”. O convite era incomum para alguém de fora do meio técnico, mas Yasmin já não era vista como estrangeira — era considerada uma das suas.

E foi ali que ela o viu pela primeira vez.

Dr. Keyvan Mohseni

Trinta e cinco anos, físico teórico formado pela Sharif University e doutor pela Universidade de Moscovo. Discreto, educado, sempre em segundo plano, mas com um olhar que brilhava quando falava sobre ciência. Ele não fazia discursos inflamados, não citava o aiatolá Khamenei, não vestia ideologia — apenas fórmulas, gráficos, e curiosidade.

Yasmin percebeu imediatamente: ali estava um elo fraco. Um homem de verdade, num mundo de soldados ideológicos.

Aproximou-se dele com humildade:

— Dr. Mohseni, desculpe interromper. Gostaria de entender a relação entre física nuclear e fitoterapia.

— Fitoterapia? — ele riu, surpreso. — Essa é nova.

— Para mim, tudo vibra. Plantas, corpos... e núcleos instáveis. Talvez tenhamos mais em comum do que se pensa.

Ele riu de novo. E não a esqueceu.

Encontros Codificados

Começaram a encontrar-se sob o pretexto de “conversas interdisciplinares” — sempre em locais públicos, mesquitas ou jardins, cercados por velhas senhoras e crianças correndo. Yasmin ouvia com atenção. Ela não o seduzia com corpo, mas com presença. Fazia perguntas simples, mas profundas.

E ele, aos poucos, abria-se:

— A ciência deveria servir o povo. Mas aqui... serve o medo.

Certa noite, sentados sob uma figueira, ele revelou o que ela esperava há meses:

— Existe uma base subterrânea sob a montanha de Saghand. O Setor 39 é real. Mas nem todos os cientistas sabem. Trabalhamos fragmentados, sem ver o quadro completo.

— E você vê? — perguntou ela, com a voz baixa.

— Eu não deveria... mas vi.

### A Noite da Confissão

Numa noite chuvosa, Keyvan apareceu de surpresa na casa de Yasmin. Estava agitado.

— Tenho algo para você.

— O quê?

— Um chip com dados técnicos. Desenhos estruturais. Coordenadas.

Ela hesitou. Era perigoso. Era... fácil demais.

— Por que está fazendo isso?

— Porque você é a única que escuta. Porque não posso mais fingir que sirvo a um propósito sagrado. Não há pureza aqui, Yasmin. Só morte à espera de ser lançada.

Ela o abraçou. E pela primeira vez, Josephine quebrou uma regra: envolveu-se emocionalmente.

## Dupla Camada de Infiltração

Josephine sabia que o Mossad não permitiria envolvimento. Mas também sabia que, com Keyvan, tinha acesso a:

- Códigos de ativação de reatores.
- Rotas internas de transporte de material enriquecido.
- Padrões de segurança alternados semanalmente.
- Nome real de cientistas ocultos sob identidades falsas.

Era um cofre humano. E já estava aberto.

No dia seguinte, as informações chegaram a Tel Aviv. A frase de validação foi curta:

“Confirmado. Saghand = alvo alfa. Continue aproximação. Mas use proteção.”

Josephine sabia o duplo sentido.

Ela agora era parte de Keyvan. E ele... nunca imaginaria que a mulher que beijava sob a figueira estava desmontando seu mundo, detalhe por detalhe.

## Capítulo 9 – O Jantar do Comandante

Teerão – Dezembro de 2023.

O convite veio com um bilhete caligrafado, selado com cera preta. Yasmin o recebeu das mãos de uma jovem criada, enviada diretamente pela casa do Comandante-General Ali Reza Sabouri, o responsável pela integração entre as forças da Guarda Revolucionária e o programa nuclear iraniano.

“A Senhora Yasmin é convidada de honra para um jantar de espiritualidade e gratidão à sua dedicação às mulheres desta nação.”

Era mais do que um jantar. Era um teste.

Sabouri era paranoico. Inteligente. E desconfiava de qualquer um que surgisse do nada e caísse nas boas graças de tantas esposas e filhas da elite.

— Ele quer ver com os próprios olhos quem és — alertou Keyvan, na noite anterior.

— E vai ver o que quiser — respondeu Yasmin. — Um espelho.

### A Chegada à Casa de Sabouri

A mansão ficava no norte de Teerão, entre colinas vigiadas e portões de aço. O jardim parecia saído de um palácio timúrida. Yasmin chegou a tempo da última oração do maghrib. Estava impecável: véu preto bordado com fio dourado, perfume discreto de jasmim, e no pulso, o tasbih sagrado — agora adaptado para transmitir em tempo real.

Dentro da sala de recepção, estavam apenas quatro convidados:

- Sabouri e sua esposa, Laleh.
- O general Bavand, da Defesa Química.
- E o cientista Dr. Deyhim.

Três dos principais alvos da operação. Todos juntos.

Era como entrar numa jaula com três tigres e sorrir como se fossem gatos domésticos.

### A Conversa Armadilhada

Durante o jantar, o ambiente era cordial. Mas cada frase era uma armadilha.

— Conte-nos, Yasmin — disse Laleh com suavidade venenosa —, o que mais te atraiu na fé xiita?

Yasmin respirou fundo. Sabia que todos os olhos estavam nela.

Sabouri nem disfarçava: olhava como um interrogador disfarçado de anfitrião.

— O silêncio — respondeu. — Na Europa, até a fé virou espetáculo. Aqui... o silêncio vale mais que os gritos.

Sabouri ergueu ligeiramente o queixo, pensativo.

Bavand riu.

— Bela resposta para quem vive entre generais que gritam ordens o dia todo.

— Talvez seja por isso que nos escutam tanto em casa, não é? — retrucou Yasmin com humor respeitoso.

As esposas riram. O gelo começava a quebrar.

O Momento Decisivo

Ao final do jantar, enquanto o chá era servido no terraço, Sabouri aproximou-se dela a sós.

— Eu estudei em Lyon. Conheço bem os sotaques franceses.

— E o meu não convence? — disse ela, com um sorriso tênue.

— Convence demais. E isso me incomoda.

— Talvez o problema esteja na perfeição, não na intenção.

— Ou talvez você seja perfeita demais para ser verdadeira.

Yasmin manteve-se firme.

— Deus é o único perfeito. Eu apenas tento ser útil.

Houve um momento de silêncio. Ele fitou-a por longos segundos. Depois, afastou-se.

Mas Josephine sabia: ele a suspeitava, mas ainda não tinha certeza. E no mundo da espionagem, a dúvida é uma cortina poderosa.

Transmissão Crítica

Naquela noite, Yasmin sentou-se à janela do seu quarto de hóspedes. Fingindo recitar uma sura do Alcorão, ativou discretamente o tasbih.

As transmissões incluíam:

- Fotos disfarçadas do general Bavand gesticulando com um mapa do Golfo.
- Descrição das câmaras internas da mansão.
- Conversa cifrada entre Sabouri e Deyhim sobre a instalação “Alvorada Negra” – um projeto novo fora dos radares da AIEA.

Mensagem enviada.

O Mossad respondeu com uma única palavra:

“Luz verde.”

Naquela noite, Josephine dormiu pouco.

Não por medo.

Mas porque sabia: estava dentro da cúpula.

E da próxima vez que jantassem juntos, o céu sobre Teerão talvez já estivesse em chamas.

## **Capítulo 10 – As Últimas Peças**

Qom – Janeiro de 2024.

Havia uma tensão no ar. Invisível, mas constante. Como um fio esticado prestes a partir.

Josephine — ainda sob a identidade de Yasmin — sentia que o jogo estava a chegar ao fim. As peças estavam no tabuleiro. Mas os movimentos finais exigiriam precisão milimétrica, nervos de aço e... sacrifícios.

O Mossad já reunira tudo o que precisava para realizar a operação militar cirúrgica: nomes, rotinas, localizações, códigos de acesso, padrões de defesa e até os horários exatos dos encontros entre os principais líderes do setor nuclear iraniano.

Agora, restava sincronizar o relógio do inferno.

Os Últimos Alvos

Havia ainda três peças cruciais que escapavam ao rastreamento:

1. Dr. Hamed Tabatabaei – engenheiro-chefe de propulsão de mísseis balísticos, recluso, raramente saía da base em Natanz.

2. Imam Sheikh Mojtaba Karimi – conselheiro religioso do programa militar, autoridade capaz de vetar ações “não sagradas”.
3. Tenente-General Farzin Qashqai – chefe de segurança do Setor 39, veterano da guerra Irã-Iraque, paranoico e metódico.

Para o sucesso da operação, era fundamental prever a presença e o paradeiro de todos os três. A missão de identificar esses elementos e conectá-los ao momento certo... era de Josephine.

A Aposta: Usar Keyvan

Foi a escolha mais difícil de toda a operação.

Usar o homem que amava — ou dizia amar — como isco involuntário.

Josephine sabia que Keyvan participava de reuniões internas onde os três alvos apareciam juntos. Ela também sabia que essas reuniões, por tradição, ocorriam na véspera do aniversário da Revolução Islâmica, numa instalação de fachada médica em Shiraz.

Ela deixou cair, casualmente, num jantar:

— Tenho rezado por Shiraz. Sinto que preciso caminhar por lá. Algo me chama...

— Coincidência — respondeu Keyvan. — Estarei lá em duas semanas, numa conferência restrita. Posso arranjar um alojamento discreto.

Ela apenas sorriu.

Era isso que o Mossad precisava.

A Confirmação

Dois dias depois, num café da manhã silencioso, Keyvan deslizou sobre a mesa uma pequena pasta com um crachá e credenciais falsas.

— Levei-te como parte da comitiva médica. Não pode haver contato visual comigo dentro da instalação. Nem palavras.

— Eu sei.

— Estás a fazer algo perigoso, Yasmin. Demasiado.

— A fé não teme o sacrifício — ela disse, olhos baixos.

Ele não percebeu. Mas era a despedida.

### A Última Transmissão Antes do Ataque

Na noite anterior à viagem a Shiraz, Yasmin sentou-se de costas para a porta, diante do espelho, como sempre fazia. Mas dessa vez, o código enviado era o mais completo da operação:

“Confirmado: local de reunião – Instituto Bayat, nível 3 subterrâneo.

Presença: Tabatabaei, Karimi, Qashqai.

Horário: 18h40.

Segurança: média, dois anéis.

Código de acesso: 1145K.

Ponto de entrada alternativo: ala médica.”

Resposta do Mossad:

“Ponto Zero confirmado. A operação terá início no dia 12 de junho às 18h00.”

Josephine desligou o transmissor. Levantou-se.

Olhou para a cidade. O chamado à oração ecoava entre as mesquitas como um sussurro do destino.

Ela sussurrou de volta:

— Estou dentro. Estou pronta.

## Capítulo 11 – O Dia da Tempestade

12 de junho de 2025 – 17h45

Shiraz – Irão

O céu estava limpo demais. Um silêncio estranho pairava sobre a cidade sagrada. Nos corredores frios do Instituto Bayat, sob três andares de concreto reforçado e scanners de retina, reuniam-se, como previsto, as mentes mais perigosas do Irã:

- Dr. Tabatabaei, com seus mapas de propulsão de mísseis.
- Sheikh Mojtaba Karimi, entoando súplicas antes de autorizar uma nova fase do programa.
- Tenente-General Qashqai, revendo os protocolos de segurança enquanto os olhos varriam tudo.

Yasmin estava lá também. Silenciosa. Invisível. Vestida de branco como as assistentes médicas, com um crachá que dizia “Técnica de esterilização”. Mas ninguém olhava duas vezes para ela. Era apenas mais uma entre tantas.

Às 18h00 em ponto, Josephine sentiu o primeiro sinal vibrar sob a pele. Um pulso curto vindo do bracelete falso no pulso:

“Fase 1. Drones em aproximação. Confirme visuais.”

Ela moveu-se pelo corredor, fingindo arrumar materiais. Olhou para o monitor interno de segurança que mostrava os acessos externos do complexo.

Os três veículos dos alvos estavam estacionados.

Os guardas, nas posições previstas.

Tudo conforme o plano.

Às 18h20, um novo pulso:

“Fase 2. Satélite bloqueando defesas aéreas. Pronto para impacto.”

Josephine respirou fundo.

Era agora.

O Ataque Cirúrgico

18h40.

O céu sobre Shiraz tremeu.

Três mísseis furtivos, lançados do mar Mediterrâneo, sobrevoaram o Iraque a baixa altitude e, num milissegundo calculado, entraram no espaço aéreo iraniano sem levantar alertas.

Ao mesmo tempo, explosivos plantados por um agente local do Mossad — disfarçado de técnico de manutenção — cortaram as comunicações do setor subterrâneo do Instituto.

Quando o primeiro míssil atingiu o telhado do bloco B, a reunião já tinha começado. Os três alvos estavam na mesma sala, discutindo avanços no reator de Saghand.

O impacto foi preciso.

Uma explosão interna, controlada.

Nenhuma destruição civil. Apenas os alvos.

Evacuação Silenciosa

Josephine correu para o ponto de extração previamente combinado: o túnel de ventilação ao lado da ala médica, onde um agente da Mossad a esperava com uma moto elétrica camuflada.

Mas ao sair pela escotilha, ouviu um grito abafado:

— Yasmin!

Era Keyvan.

Coberto de pó, com sangue no rosto, atordoado.

Ele ainda estava vivo.

Josephine congelou. Por um instante, tudo parou.

Ele a olhava como se a reconhecesse.

Não como Yasmin.

Como Josephine.

— Foi você... não foi?

Ela hesitou. Queria correr. Queria abraçá-lo.

Mas o tempo se esgotava.

— Tu sabias quem eu era... lá no fundo, sabias.

— Eu só queria verdade.

— E eu... queria justiça.

Ela deu um passo para trás.

— Adeus, Keyvan.

E desapareceu na escuridão do túnel.

O Mundo em Choque

Nas horas seguintes, as notícias se espalharam:

“Ataque cirúrgico aniquila principais líderes do programa militar iraniano.”

“Israel não comenta.”

“Irão em estado de choque total.”

“A operação mais precisa desde Entebbe.”

As autoridades iranianas lançaram uma investigação massiva.

Revisaram arquivos, fotos, vídeos.

E então... alguém reconheceu um rosto.

Num álbum de família. Numa festa de chá.

Lá estava ela. Sempre presente.

Sorrindo entre os próprios homens que ajudaria a destruir.

A Lenda Começa

Na manhã seguinte, cartazes foram espalhados por Teerão.

Com o rosto de Josephine.

Com a legenda:

“A Mulher que Rasgou a República.”

O Irão chamou a operação de:

“A mais devastadora violação de inteligência humana da sua história.”

E quanto a Josephine Durant?

Desapareceu.

Alguns dizem que morreu nas montanhas.

Outros, que o Mossad a extraiu num jato invisível.

Alguns juram que a viram em Buenos Aires, outros em Tóquio, outros num convento no Líbano.

Mas ninguém sabe.

Porque os fantasmas não têm túmulos.

E os melhores agentes... não têm nome.

Epílogo – O que restou de Josephine

Localização confidencial – Data não revelada

Numa casa de pedra sobre as encostas de uma montanha desconhecida, onde o som do vento sussurra em línguas esquecidas, vive uma mulher com olhos cansados, voz serena e gestos medidos. Poucos a conhecem pelo nome. Alguns a chamam de Havah. Outros simplesmente de “a estrangeira que reza em silêncio”.

Ela não carrega armas. Não responde a perguntas.

Mas toda semana, envia um envelope sem remetente a uma caixa postal de Genebra. Dentro dele, apenas três coisas:

1. Uma oração manuscrita em hebraico.
2. Um pequeno trecho do Alcorão sublinhado.
3. Uma pétala de rosa branca.

O Mundo Seguiu

O Irão levou anos a reconstruir o que Josephine desmantelou em horas.

A comunidade internacional nunca confirmou a operação.

Israel? Silêncio absoluto.

O Mossad? Continuou, como sempre, nas sombras.

Mas entre espões e diplomatas, a história circula como uma lenda moderna:

“Uma mulher. Um disfarce. Um país despedaçado por dentro.”

O Amor que Ficou no Fogo

Keyvan Mohseni sobreviveu.

Nunca mais falou publicamente.

Desapareceu do radar acadêmico.

Alguns dizem que vive no interior da Arménia.

Outros, que se exilou no Curdistão, onde dá aulas de física em uma escola rural.

Nunca se casou.

E guarda, no fundo de uma caixa, uma fotografia rasgada ao meio.

De um lado, o rosto de Yasmin.

Do outro, a sombra de uma revolução que ele ajudou, sem saber, a destruir.

E Josephine?

Ninguém sabe onde está.

Ou mesmo se ainda está.

Mas há rumores.

De uma mulher que ajudou a frustrar um plano russo de invasão cibernética no Báltico.

De uma agente que apareceu no Congo com um passaporte português.

De uma freira que fala sete línguas em um convento no Peru.

Lendas. Ecos.

Ou talvez... uma verdade que o mundo não merece conhecer.

Uma Última Mensagem

Gravada em uma frequência que só uma pessoa recebeu.

Transmitida do alto das montanhas, em morse, com batimentos leves:

“A beleza é uma distração. A fé, um véu.  
Mas o que realmente muda o mundo... é a coragem de desaparecer.  
— K.P.S.”

Fim.